

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

BOLETIM GEOCORRENTE

ISSN 2446-7014



A expansão da presença chinesa no Oceano Índico

ESTE E OUTROS 11 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO



BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 169 • 21 de setembro de 2022

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Além disso, conta com a seção "Temas Especiais", tratando sobre assuntos latentes das relações internacionais.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [Navio chinês Yuan Wang 6](#)

Por: Wikimedia

Fonte: Wikimedia

CONSELHO EDITORIAL

DIRETOR DA EGN

Contra-Almirante João Alberto de Araujo Lampert

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

Contra-Almirante (RM1) Marcio Magno de Farias Franco e Silva

EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Francisco E. Alves de Almeida (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.
Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/
RJ - Brasil
TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).



EQUIPE DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

ÁFRICA SUBSAARIANA

Carolina Vasconcelos De Oliveira Silva (PUC-Rio)
Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)
Isadora Jacques de Jesus (UFRJ)
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)
Luísa Barbosa Azevedo (UFRJ)
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (ESG)

AMÉRICA DO SUL

Bruna Soares Corrêa de Souza (UniLaSalle)
José Martins Rodrigues Junior (UFRJ)
Luciano Veneu Terra (UFF)
Otávio Brasileiro Pires de Camargo (UNESP)
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Ana Carolina Vaz Farias (UFRJ)
Jéssica Pires Barbosa Barreto (EGN)
Taynah Pires Ferreira (UFRJ)
Victor Cabral Ribeiro (PUC-Rio)
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)
Raphaella da Silva Dias Costa (UFRJ)

EUROPA

Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)
Gustavo da Hora (UFRJ)
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)
Rafaela Caporazzo de Faria (UFRJ)
Victor Magalhães Longo de Carvalho Motta (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)
João Pedro Ribeiro Grilo Cuquejo (IBMEC)
Júlia Elias Teodoro Santos Pereira (UFRJ)
Luís Filipe de Souza Porto (UFRJ)
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)

Maria Eduarda Araújo Castanho Parracho (UERJ)
Philippe Alexandre Junqueira (UERJ)
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFF)
Thomas Dias Placido (UFSC)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Adel Bakkour (UFRJ)
Amanda Neves Leal Marini (ECEME)
Dominique Marques de Souza (UFRJ)
Isadora Novaes dos Santos Bohrer (UFRJ)
Melissa Rossi (Suffolk University)
Vitória de França Fernandes (UFRJ)

RÚSSIA & EX-URSS

José Gabriel de Melo Pires (UFRJ)
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)
Pedro Mendes Martins (ECEME)
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

SUL DA ÁSIA

Eduardo Araújo Mangueira (UFRJ)
Gabriela Siqueira Duarte dos Santos (UFRJ)
Iasmin Gabriele Nascimento dos Santos (UFRJ)
Lucas Mitidieri (UFRJ)
Rebeca Vitória Alves Leite (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

Alessandra Dantas Brito (EGN)
Bruno Gonçalves (UFRJ)
Guilherme Novaes Silva Pinto (UFRJ)
Maria Claudia Menezes Leal Nunes (USP)
Raquel Torrecilha Spiri (UNESP)



Foto comemorativa dos 08 anos do Núcleo de Avaliação da Conjuntura, 19/09/2022

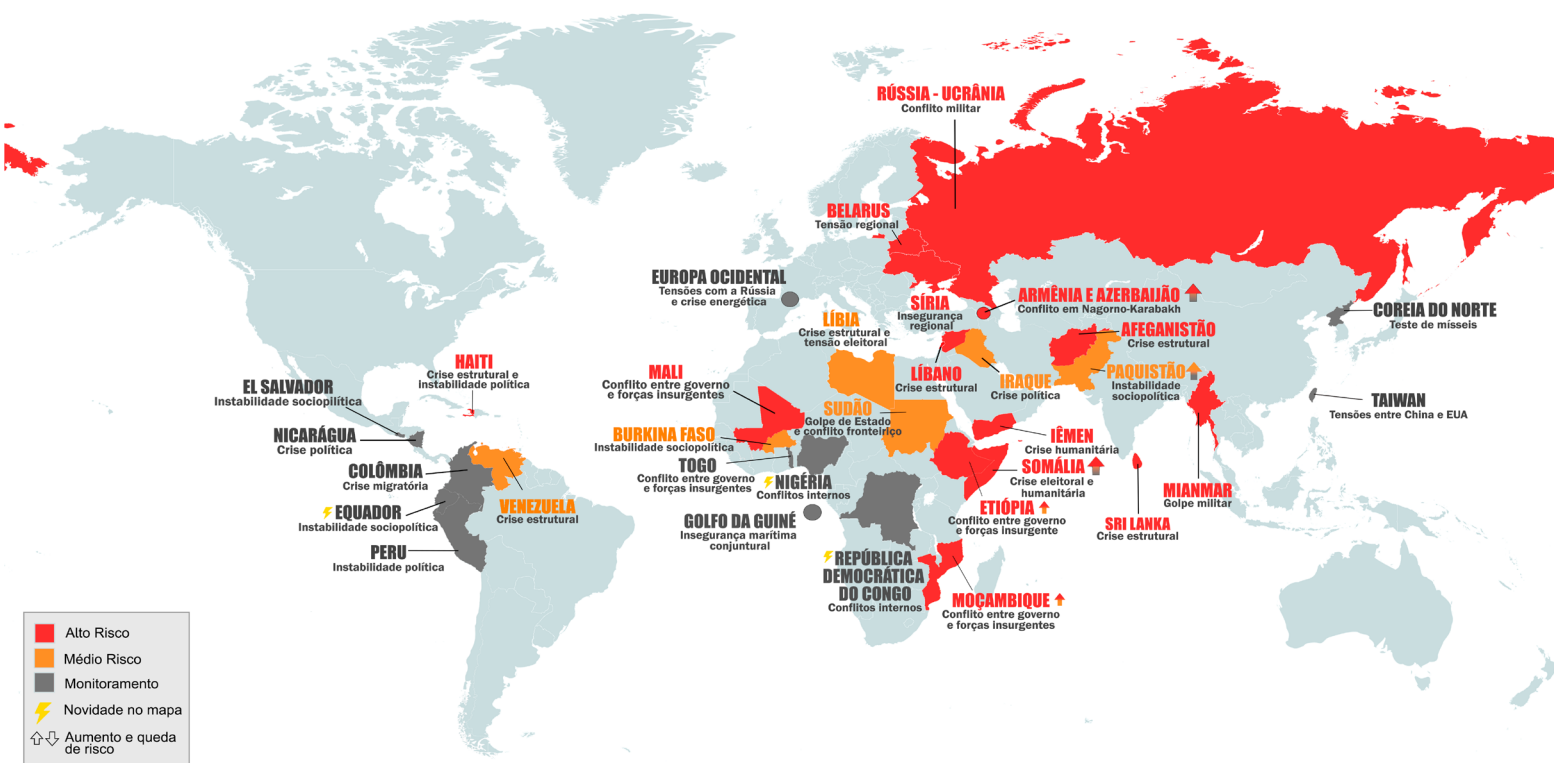
SUMÁRIO

AMÉRICA DO SUL		LESTE ASIÁTICO	
Diplomacia renovada: o retorno das relações entre Colômbia e Venezuela5		Japão e Reino Unido: cada vez mais próximos 12	
AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL		China e Rússia: juntos novamente? 13	
Segurança hídrica global: implicações para a segurança nacional dos Estados Unidos6		SUL DA ÁSIA	
<i>Minerals Security Partnership</i> : caminhos da desglobalização das cadeias produtivas7		A expansão da presença chinesa no Oceano Índico 14	
ÁFRICA SUBSAARIANA		SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA	
República do Congo: das Áreas Marinhas Protegidas à produção <i>offshore</i>7		<i>Super Garuda Shield</i> : novas implicações 15	
EUROPA		TEMAS ESPECIAIS	
Reino Unido: a nova Primeira-Ministra e a futura estratégia diplomática britânica9		Reforço na cibersegurança e preocupação estadunidense? 16	
ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA			
Estratégia militar israelense: impactos nas políticas externa e de defesa 10		Artigos Seleccionados & Notícias de Defesa 19	
RÚSSIA & Ex-URSS		Calendário Geocorrente 19	
<i>Vostok 2022</i> : tração na cooperação estratégica sino-russa 11		Referências 20	
		Mapa de Riscos 21	

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19

Por: Luísa Barbosa



Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 19.

Diplomacia renovada: o retorno das relações entre Colômbia e Venezuela

Victor Cabral

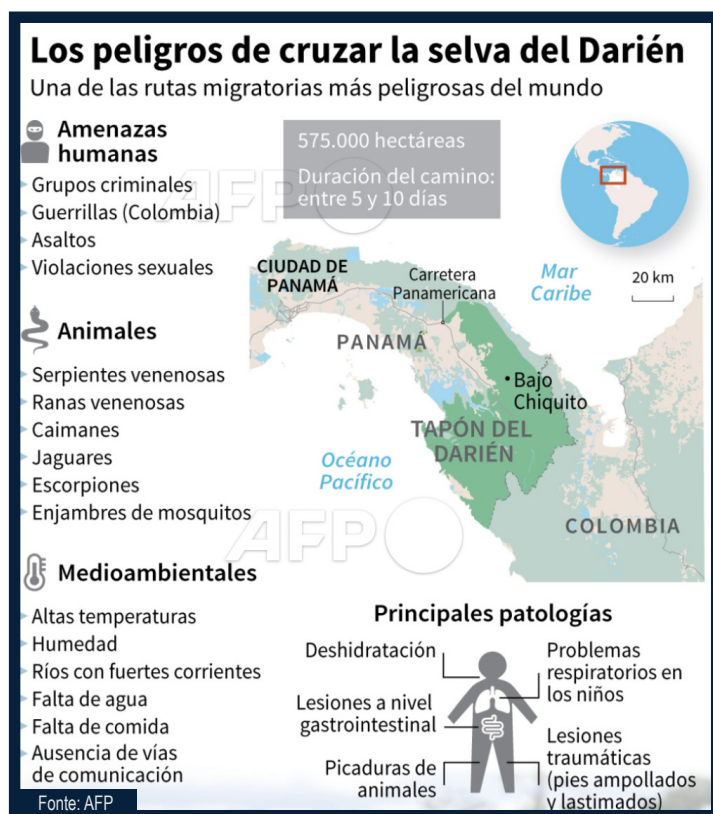
Após três anos de rompimento, Colômbia e Venezuela retomaram suas relações bilaterais em 26 de agosto de 2022, com a chegada dos novos embaixadores em Bogotá e Caracas. A reabertura das fronteiras, o retorno das trocas econômicas e dos voos comerciais estão agendados para o final de setembro. Espera-se que a diplomacia possa ir além dos aspectos econômicos e políticos, cabendo questionar: quais os possíveis impactos nas migrações e na segurança?

A fronteira entre os Estados foi fechada em fevereiro de 2019, logo após a ruptura das relações bilaterais, afetando a economia e a estabilidade dos milhões de colombianos que vivem na Venezuela e vice-versa. A impossibilidade de trânsito fronteiriço seguro, relações econômicas e de acesso regular de direitos à saúde, educação, moradia e emprego pode agora se reverter, melhorando as condições de vida de colombianos e venezuelanos residentes nesses países. A temática é vital para solucionar uma nova crise humanitária nos fluxos migratórios, na qual mais de 30 mil migrantes cruzaram o violento trecho de floresta na fronteira Colômbia-Panamá, o *Tapón del Darién*, em agosto de 2022. Para comparação, conforme as autoridades fronteiriças panamenhas, 133 mil migrantes cruzaram tal fronteira ao longo de 2021, indicando uma drástica elevação dos números. Composto mais de dois terços dos migrantes,

os venezuelanos deixaram o Chile e a Colômbia, rumo aos Estados Unidos.

No aspecto da segurança, o Presidente colombiano, Gustavo Petro, lançou o projeto *Paz Total*, para desmobilizar e negociar a paz com o máximo de grupos armados possíveis, transbordando o acordo centralizado com as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), firmado em 2016. Um dos focos atuais é o Exército de Libertação Nacional (ELN), grupo dissidente das FARC. Para o acordo, a Colômbia solicitou à Venezuela que mediasse e cooperasse pela paz, pedido que foi aceito por Caracas. Ressalta-se que Caracas já foi acusada por Bogotá de apoiar e financiar o grupo, surgindo agora como ator de importância em um processo de seu interesse, pois o ELN está presente no território venezuelano e controla parte da porosa fronteira Colômbia-Venezuela.

Salienta-se que a retomada das relações diplomáticas não significa, até o momento, o apoio do governo Petro ao regime de Nicolás Maduro. Todavia, há indicativo de pragmatismo para solucionar os imbróglis que envolvem os Estados. Por último, espera-se o incremento de travessias de migrantes venezuelanos para a Colômbia com a reabertura das fronteiras, devido à facilitação dos fluxos, restando aguardar a reação de Petro à questão.



Segurança hídrica global: implicações para a segurança nacional dos Estados Unidos

Ana Carolina Vaz Farias

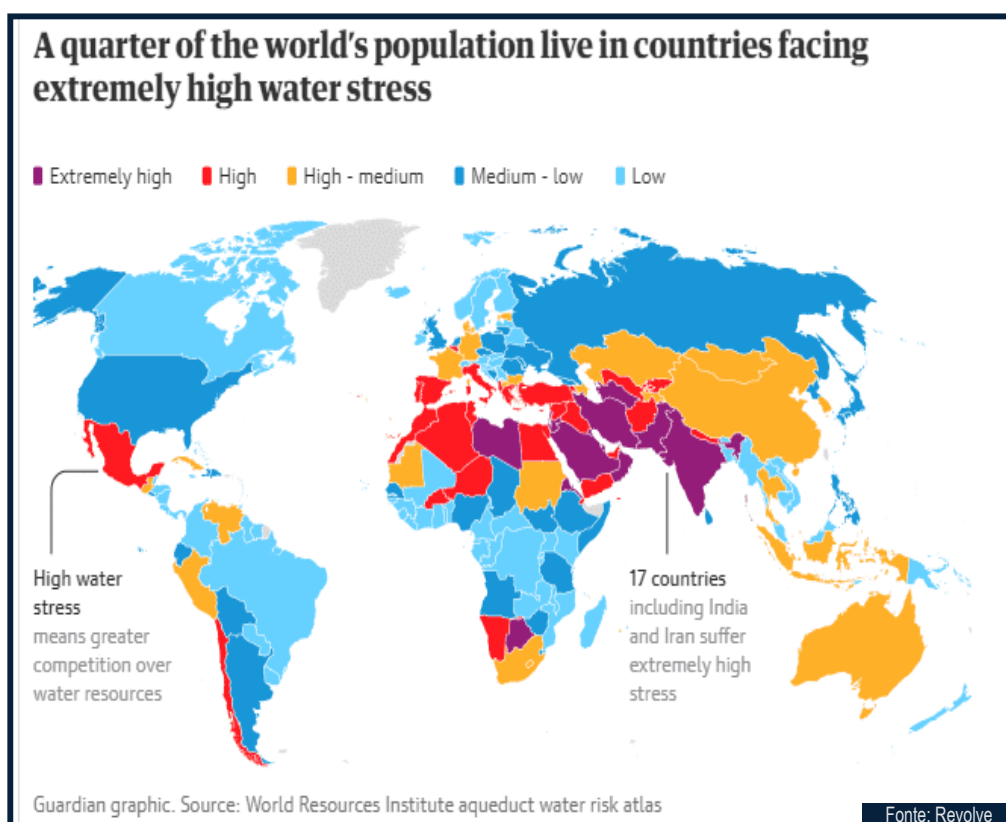
O Lago Mead — maior reservatório de água doce dos Estados Unidos (EUA) — atingiu recentemente o nível mais baixo de sua capacidade desde 1937, quando foi criado. Tal situação exemplifica como as tendências de crescimento populacional, urbanização, degradação ambiental e mudanças climáticas colocam crescentes desafios à segurança hídrica global. Ademais, os EUA lançaram, em junho de 2022, o plano *Global Water Security* (GWS), elevando a segurança hídrica a uma prioridade central da política externa estadunidense pela primeira vez. Portanto, como um plano de mitigação de um problema socioambiental pode revelar estratégias voltadas à segurança nacional?

Primeiramente, é necessário entender o contexto desse documento. A segurança hídrica é definida pela ONU como a capacidade de acessar quantidades adequadas de “água de qualidade aceitável” para sustentar a saúde humana, os meios de subsistência e o desenvolvimento socioeconômico. Além disso, ainda de acordo com a ONU, até 2030, quase metade da população global enfrentará estresse hídrico grave. Visto isso, um dos relatórios base do GWS, o *National Intelligence Estimate on Climate Change* de 2021, da Inteligência Nacional estadunidense, alerta que, com o aumento das temperaturas em decorrência das mudanças climáticas, há risco potencial de conflito por água e aumento da

migração. Esses podem criar demandas adicionais aos EUA com recursos diplomáticos, econômicos, humanitários e militares.

Nesse escopo, o GWS coloca em evidência a região do México e da América Central como as áreas mais vulneráveis do mundo aos impactos das mudanças climáticas e da crise hídrica, além de serem as regiões mais pobres do Hemisfério Ocidental e a principal origem de migrantes que chegam aos EUA. O documento firma o compromisso estadunidense em ajudar os países na conservação e gerenciamento de suas águas, com base em três pilares: i) alcançar o acesso universal e equitativo à água, saneamento e higiene; ii) promover a gestão sustentável dos recursos hídricos; iii) garantir uma ação multilateral que promova a segurança hídrica. Desse modo, o plano atende uma das principais metas do governo Joe Biden: mitigar as causas profundas da crise migratória que assola o país.

Em suma, os EUA estão assumindo um compromisso no enfrentamento das mudanças climáticas, embora o país seja uma das maiores fontes mundiais de gases de efeito estufa, a causa principal do aquecimento global. Assim, essa atuação de engajamento sustentável está vinculada aos interesses estratégicos nacionais de redução do número de migrantes que rumam para o país.



Com caráter multilateral, a criação da *Minerals Security Partnership* em 2022 tem como finalidade promover, entre países tradicionalmente parceiros, a produção, refino e reciclagem de minerais de forma a alcançar o melhor aproveitamento econômico de suas reservas. Dela, participam 11 atores internacionais: Alemanha, Austrália, Canadá, Comissão Europeia, Coreia do Sul, Estados Unidos, Finlândia, França, Japão, Reino Unido e Suécia. A iniciativa tem em sua composição atores que há décadas trabalham para o aperfeiçoamento de seu setor mineral. Países-membros buscavam investir em *nearshoring* e *reshoring* ([Boletim 135](#) e [168](#)) para reduzir a dependência diante de etapas de cadeias produtivas que passem por empresas e território chineses. Em 2022, isso parece tomar vulto de forma a criar um distanciamento também da economia russa, motivando a criação de instrumentos que estimulem as produções de diferentes recursos longe da influência russa ou chinesa.

Nos Estados Unidos, o *Inflation Reduction Act* de agosto de 2022 tem como propósito o aquecimento da economia estadunidense e a redução dos preços em diferentes setores nevrálgicos, estando o mineral entre eles. Busca-se elevar a oferta doméstica de minerais críticos, oferecendo incentivos às diferentes etapas das cadeias produtivas de itens como equipamentos bélicos ou geradores de energias limpas. O Pentágono, por sua vez, consultou o Congresso sobre a possibilidade de utilizar o *Defense Production Act*, que concede poderes

ao presidente para alocar recursos para a produção de qualquer bem julgado essencial à segurança nacional, para investir no Reino Unido ou na Austrália, o que seria inédito.

O Canadá, por sua vez, dedicou um pacote de US\$3,02 bilhões para a produção de minerais estratégicos enquanto o governo redige o *Canadian Minerals and Metals Plan*, focando nos minerais descritos como essenciais à transição energética e à segurança econômica do país e seus aliados. Ademais, o Ministro de Recursos Naturais canadense, Jonathan Wilkinson, afirmou que o momento atual é de reflexão sobre como proceder com a oferta de concessões e licitações a empresas chinesas que desejarem atuar no setor mineral canadense, sugerindo uma tendência ao protecionismo frente aos investimentos chineses.

A atual conjuntura indica uma perspectiva de criação de blocos dedicados aos investimento em setores estratégicos. Pautas ambientais como a transição energética ou aplicação de práticas de *environmental, social, and governance* (ESG) em cadeias produtivas se somam ao posicionamento geopolítico dos atores internacionais. Visando consolidar e aprimorar blocos econômicos, tais pautas transformam dinâmicas de mercado, a maneira de intervenção dos Estados em suas economias e também a elaboração das políticas domésticas e externas.

DOI 10.21544/2446-7014.n169.p 07.

ÁFRICA SUBSAARIANA

República do Congo: das Áreas Marinhas Protegidas à produção *offshore*

Carolina Vasconcelos

Em 2022, a República do Congo criou suas primeiras Áreas Marinhas Protegidas (MPAs, sigla em inglês), que representam 12% da Zona Econômica Exclusiva (ZEE) do país, sendo um marco para a proteção de sua biodiversidade contra a pesca ilegal, não declarada e não regulamentada (IUU, sigla em inglês). Além disso, juntamente com as ações conservacionistas, empresas petrolíferas estrangeiras se encontram cada vez mais atuantes no mercado de hidrocarbonetos congolês, uma vez que fazem parte do projeto de desenvolvimento de gás natural do bloco *offshore Marine XII*. Nesse sentido, como a República do Congo está atuando com suas políticas de proteção ambiental em meio à exploração de petróleo e gás natural *offshore*?

A criação das MPAs resulta de um processo iniciado em 2019, com o Plano Nacional do Espaço Marinho. Tal plano foi fundamental para a identificação das áreas dentro da ZEE e, em 2022, três do total de onze foram anunciadas: no Parque Nacional Conkouati-Douli, em Mvassa e em Loango; totalizando mais de 4.000 Km² de zonas protegidas na costa da África Ocidental. Tal iniciativa protege a nidificação, migração e reprodução de espécies marinhas e a pesca comunitária, fundamentais para a subsistência de pescadores de pequena escala.

Já as atividades no *Marine XII*, fazem parte do Projeto de Desenvolvimento de Gás Natural da República do Congo. Localizado a 20 Km da costa congolês, possui aproximadamente 1,3 bilhão de barris de petróleo e 6

Reino Unido: a nova Primeira-Ministra e a futura estratégia diplomática britânica

Rafaela Caporazzo

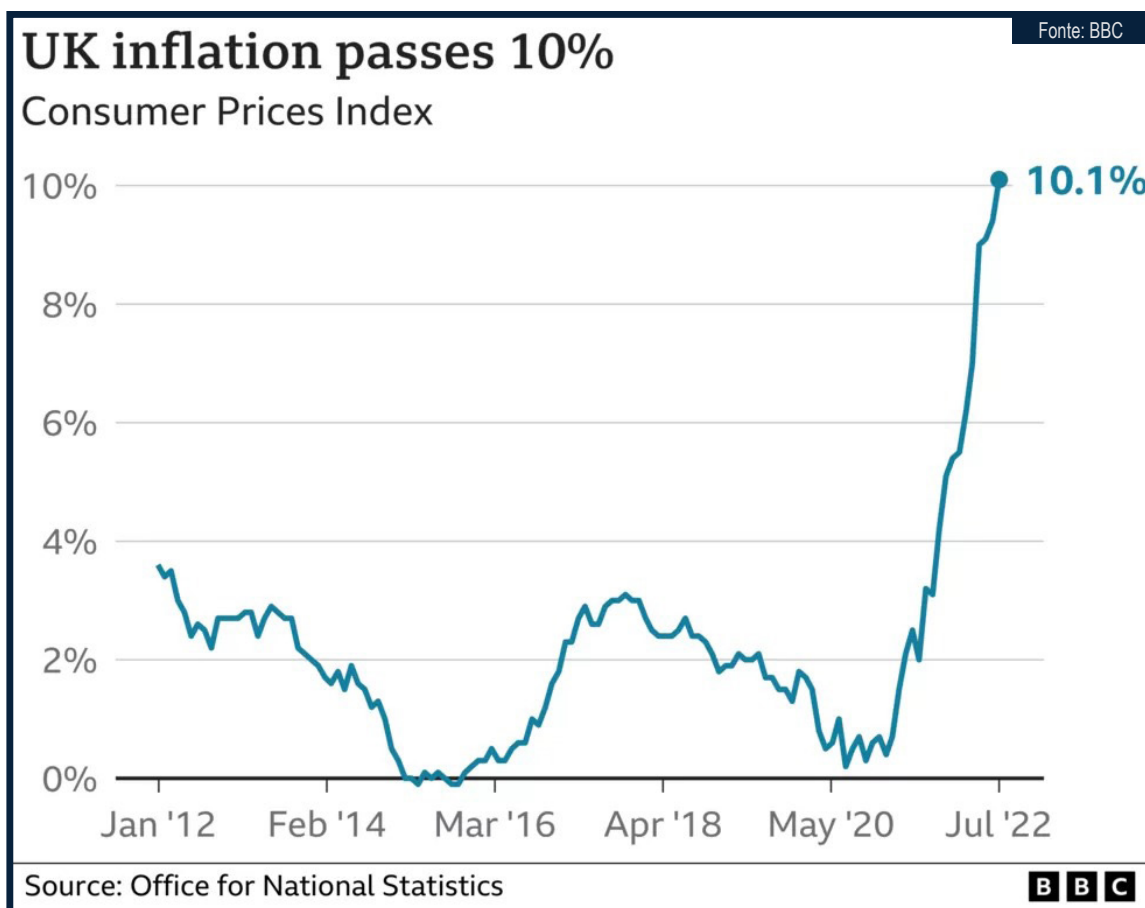
Em meio ao cenário de mudanças e crises no Reino Unido, em setembro desse ano, Liz Truss, líder do Partido Conservador, foi empossada como nova Primeira-Ministra, substituindo oficialmente Boris Johnson. A Premiê listou como prioridade o crescimento econômico e se comprometeu a aumentar os gastos com Defesa de cerca de 2,2% para 3% do PIB até 2030. Diante disso, como o posicionamento da nova premiê influencia o cenário doméstico e os rumos diplomáticos do Reino Unido?

O momento de turbulência econômica, com o aumento do custo de vida e perspectiva de recessão, aliado à maior inflação dos últimos 40 anos, tem gerado insatisfação e greves em diversos setores da economia. Nesse cenário, Truss defende a redução de impostos para proporcionar mais poder de compra às famílias britânicas. Porém, adverte não enxergar a economia pelo “prisma da redistribuição” a partir da cessão de subsídios, o que pode eventualmente ser necessário, dada a criticidade da situação, principalmente, da população de baixa renda.

Do ponto de vista de Segurança e Defesa, observa-

se um otimismo cauteloso nas relações de cooperação e diálogo junto aos seus vizinhos, diante da urgência do conflito russo-ucraniano. No entanto, considerando que Truss era originalmente contra a saída do Reino Unido da União Europeia (UE), passando a defender o *Brexit* após o apoio popular à ideia, ao se tratar de cooperação em defesa, é provável que a Premiê não retome o seu posicionamento sob supervisão institucional da Comissão Europeia. Logo, é esperado que a aliança com os países da UE ocorra de forma bilateral ou com grupos menores do que sob estruturas do bloco, como o projeto liderado pelo Reino Unido com a Itália e a Suécia para desenvolver o futuro caça *Tempest*.

Assim, em meio à instabilidade do cenário político-econômico do Reino Unido, a nova Premiê enfrentará um grande desafio para conter a inflação e insatisfação popular. Na política externa, ainda é cedo para definir o futuro das relações entre o país e a UE. O que se observa é um posicionamento do Reino Unido mais alinhado a estreitar laços estratégicos com seus vizinhos de forma bilateral, e não sob estruturas mais formais da União.



Estratégia militar israelense: impactos nas políticas externa e de defesa

Amanda Marini

Israel e Irã são adversários no tabuleiro geopolítico regional, opondo-se especialmente nos âmbitos diplomático e militar, fato que influencia a formatação e o direcionamento das suas políticas externas e de defesa. Soma-se a isso o fato de que Teerã não reconhece o Estado judaico e, de acordo com a Doutrina Estratégica de Israel, Tel-Aviv considera o país persa uma ameaça à sua sobrevivência. Desde 2005, ambos vivem em um confronto por procuração, cenário que vem se intensificando ao longo dos últimos meses, com destaque a uma possível retomada do acordo nuclear iraniano. Isto posto, como se desenvolve a estratégia militar israelense diante da escalada de tensões com o Irã?

Esta movimentação de incentivo ao conflito faz parte de um dos objetivos da política externa iraniana em ser o *hegemon* regional, não apenas no Golfo Pérsico, mas em todo o Oriente Médio. Vale acrescentar que Teerã apoia grupos insurgentes como o Hezbollah, o Hamas e o Fatah, principalmente, com suporte político e envio de armamento. Como reação, Israel desenvolve e altera diretrizes na sua política externa e de defesa, tornando-as mais enérgicas e objetivas, como a iniciativa em formar uma cooperação conjunta de defesa aérea com alguns Estados regionais, com os quais normalizou as relações devido aos Acordos de Abraão (Boletim 166).

Nesse panorama, a estratégia militar israelense busca intensificar esforços por meio da confrontação indireta, também conhecida como *shadow war*, entre os dois Estados, utilizando operações com alvo diretamente ao território iraniano, por meio da *Octopus Doctrine*. Essa estratégia visa interferir de maneira mais assertiva e objetiva na extensão territorial do país, com foco em Teerã, ao invés de lutar diretamente apenas contra as redes de apoio – grupos paramilitares espalhados pela região, conhecidos como *proxy networks*. Essa compreensão se baseia no fato de que Teerã é o local principal de onde saem as coordenações das atuações dessas redes de apoio e das demais alianças regionais. Outra forma de atuação é que Israel, nesse contexto, desenvolve materiais sensíveis de inteligência e espionagem, o que impacta diretamente o modo de empregar sua estratégia militar, como por meio de ataques cibernéticos.

Portanto, perante um aumento dos conflitos e divergências com Teerã, entende-se como Israel vem desenvolvendo sua estratégia militar. Uma vez que o Irã se projeta na tentativa de ser uma hegemonia regional, a estratégia proposta contrapõe-se à existência territorial israelense, promovendo embates indiretos entre os dois países no tabuleiro geopolítico regional.



Vostok 2022: tração na cooperação estratégica sino-russa

José Gabriel Melo

Em meio ao recrudescimento do conflito ucraniano, a Rússia realizou o *Vostok 2022*, um exercício militar no extremo oriente russo e no Pacífico, que fecha um ciclo de treinamentos anuais em cada região do país. A edição desse ano ocorreu entre os dias 01 e 07 de setembro e contou com a participação de 50 mil militares russos, 140 aeronaves e 60 embarcações. Além disso, participaram outros 14 países, incluindo integrantes da Organização para Cooperação de Xangai (SCO, em inglês), como China e Índia. Nesse contexto, a China aparece como um dos mais importantes participantes para Moscou, tanto pela sua relevância em termos militares quanto pelos aspectos econômicos e geopolíticos que moldam essa relação. Desse modo, suscita-se o questionamento do papel do *Vostok 2022* na dinâmica das relações sino-russas.

No que diz respeito às manobras realizadas, destacam-se as operações navais. A etapa marítima aconteceu no Mar do Japão e no Mar de Okhotsk, e teve entre os objetivos o apoio às operações terrestres, a proteção das Linhas de Comunicações Marítimas (LCM) e das atividades econômicas ligadas ao mar. Para tal, a Marinha chinesa enviou três embarcações: o contratorpedeiro *Type 055 'Nanchang'*, a fragata *Type 054A 'Yancheng'*, e o navio de suporte *Type 903A 'Dongpinghu'*.

Para além do campo marítimo, essa é a primeira vez que a China envia forças de seus três braços militares para participar de um único exercício promovido pela Rússia. É nesse ponto que o *Vostok 2022* representa um passo significativo para a consolidação desse relacionamento, que passa por um dos momentos de maior convergência das últimas décadas. Ele é motivado não apenas pelas relações econômicas — a China é o principal destino das exportações russas, que somaram cerca de US\$ 68,6 bilhões em 2021 —, como também por questões geopolíticas, já que ambos compartilham do antagonismo ao Ocidente, principalmente com relação à Ucrânia e Taiwan. Os Estados Unidos, os países da União Europeia e o Japão — que disputa as Ilhas Curilas com a Rússia ([Boletim 134](#)) —, criticaram o exercício, tachando-o como uma tentativa de demonstração de força por parte de Moscou em um contexto de isolamento internacional.

O *Vostok 2022* foi capaz de demonstrar a capacidade diplomática de Moscou em reunir adversários regionais, como China e Índia, para um exercício militar de grande porte e relevância local. Além disso, mostrou que a China também valoriza esse relacionamento, considerando-se que houve presença massiva de militares de suas três Forças.



Japão e Reino Unido: cada vez mais próximos

João Pedro Grilo

Além de compartilharem características geográficas e políticas semelhantes, o Japão e o Reino Unido possuem uma longa história marcada por entendimentos e contenciosos. Passando pelo estabelecimento da aliança militar anglo-japonesa de 1902, essencial para a vitória nipônica na Guerra contra a Rússia (1904-1905), até o restabelecimento de laços diplomáticos com o Tratado de São Francisco, o relacionamento entre os dois países foi importante para a história moderna nipônica. Tal relação vem se aprofundando em razão do recrudescimento do cenário geopolítico internacional, marcado por ações mais assertivas da China e da Rússia, fazendo com que os interesses entre ambos os países se alinhem mais claramente. Desta forma, o presente artigo busca analisar qual o atual estado das Relações entre Japão e Reino Unido, bem como seu futuro próximo.

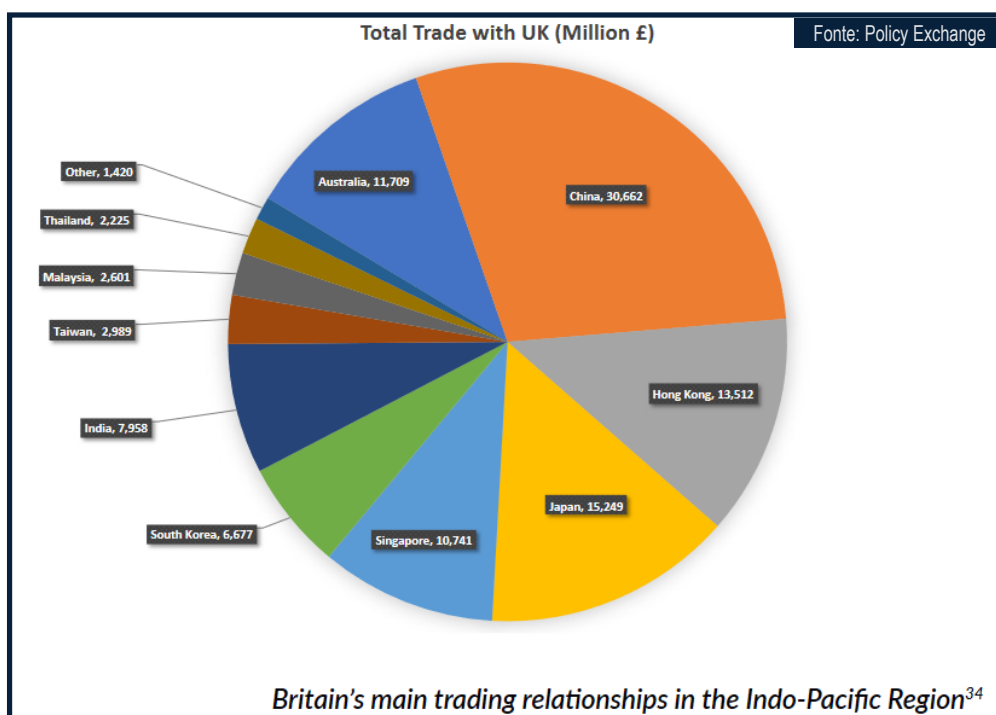
Desde o ano de 2020, a relação anglo-japonesa vêm se estreitando em todos os segmentos. No âmbito econômico, vale ressaltar a assinatura do acordo de livre comércio *Japan-UK Comprehensive Economic Partnership Agreement*, que contou com o protagonismo e assinatura da atual recém-eleita Primeira-Ministra britânica, Liz Truss. Contudo, é no ambiente militar que os avanços têm sido mais expressivos, principalmente devido ao interesse mútuo na manutenção da ordem liberal expresso nas Estratégias Nacionais de Tóquio e

Londres, com o *Free and Open Indo Pacific* e o *Indo Pacific Tilt*, respectivamente.

Tal convergência tem proporcionado medidas que buscam alinhar as ações de ambos os países, como o estabelecimento de frequentes reuniões 2+2 — realizada entre os Primeiros-Ministros e Ministros da Defesa — além dos recentes avanços para a conclusão de um *Reciprocal Access Agreement* (RAA), que facilitará a realização de exercícios conjuntos entre tropas britânicas e de autodefesa japonesa. Quando concluído, esse será o terceiro tratado do tipo assinado pelos nipônicos, além daqueles celebrados com a Austrália e os Estados Unidos.

Entretanto, o elemento que evidencia a crescente importância da relação com os britânicos ocorre no âmbito tecnológico, sendo o Reino Unido o único país, além dos Estados Unidos, a ter projetos de desenvolvimento de equipamentos militares com o Japão. Tais projetos envolvem o desenvolvimento de um míssil ar-ar e o projeto de um novo caça.

Os movimentos supracitados demonstram uma tendência de maior proximidade entre Tóquio e Londres, cuja relação agora ostenta características de uma quase aliança militar, que naturalmente tenderá a se estreitar frente às ações mais incisivas dos chineses e russos em suas respectivas áreas de influência.



China e Rússia: juntos novamente?

Philippe Alexandre

No dia 15 de setembro, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, e da China, Xi Jinping, se reuniram à margem da Cúpula da Organização de Cooperação de Xangai em Samarkand, no Uzbequistão. O encontro gerou grandes expectativas – a primeira vez em que os dois líderes se encontram pessoalmente desde o início do conflito na Ucrânia – porque ele evidencia o atual momento e as tendências positivas para as relações sino-russas, que serão analisados a seguir.

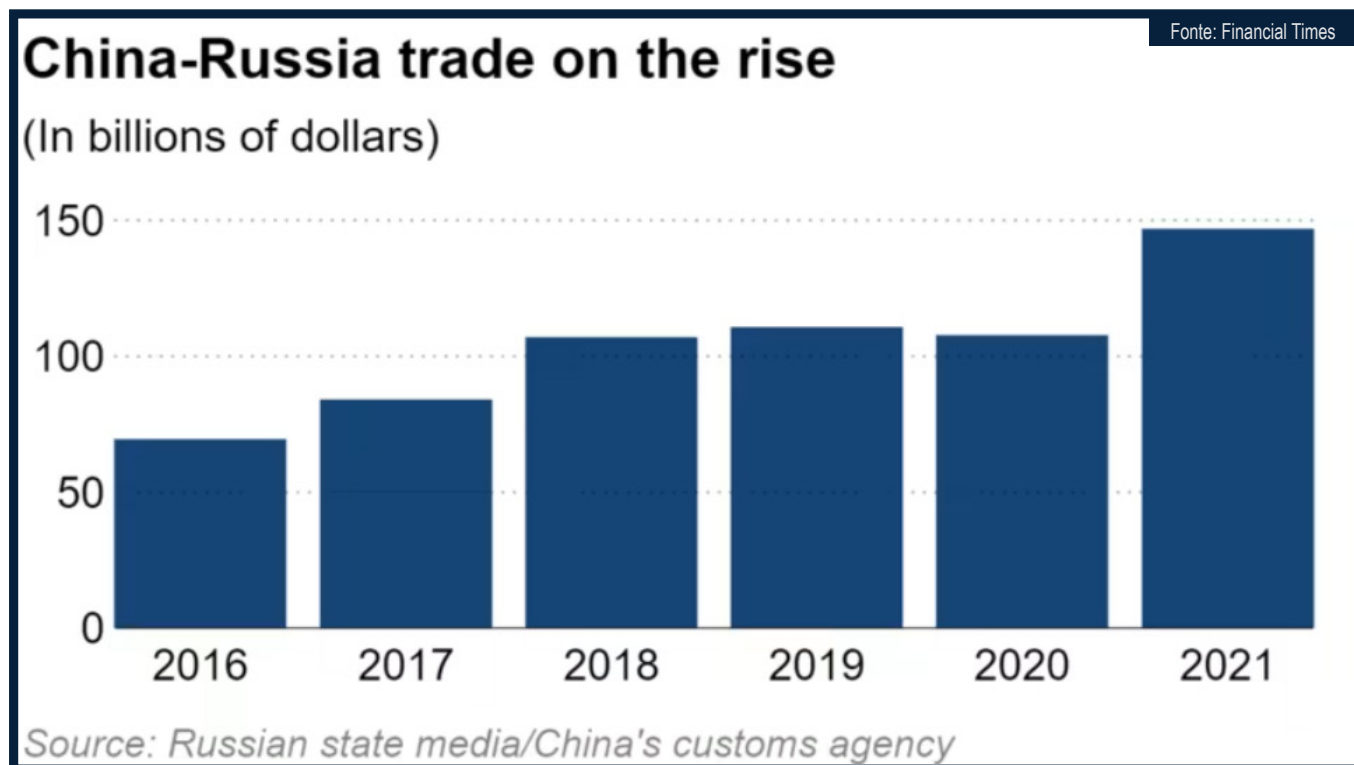
China e Rússia são duas superpotências e contestadoras da ordem liberal pós-Guerra Fria de hegemonia dos Estados Unidos, fato que implica desafios similares para Moscou e Pequim: as questões da Ucrânia e de Taiwan, por exemplo, são reflexos dessa competição com Washington e seus aliados regionais (Austrália, Japão, União Europeia e outros). Esse cenário altamente competitivo, sobretudo na Europa e no Indo-Pacífico asiático, torna conveniente a aliança entre os dois, justificando as constantes movimentações militares nesses espaços, que podem recrudescer conforme as relações entre esses atores. No último dia 08 de setembro, navios russos e chineses realizaram uma patrulha conjunta no Pacífico para "fortalecer sua cooperação marítima".

A proximidade geográfica e as reservas naturais russas permitem que a demanda chinesa por recursos

seja suprida. As duas economias estão cada vez mais interdependentes (29% de aumento no comércio 2021-2022). O intercâmbio sociocultural, através da circulação de pessoas, alcançou um nível histórico. Além disso, os desafios em torno do terrorismo, minorias contestadoras e competição militar com os Estados Unidos e seus aliados têm aproximado as forças militares russas e chinesas. Logo, esses elementos podem refletir um alinhamento incondicional sino-russo.

Contudo, o encontro entre Xi Jinping e Putin, e tal coesão entre os países, podem esconder grandes desacordos entre as duas potências asiáticas. Pequim não parece estar confortável em apoiar plenamente a invasão russa na Ucrânia. Sobre o recente encontro com o homólogo chinês, Putin afirmou: "entendo as questões e preocupações chinesas com isso. Durante a reunião de hoje, é claro que explicaremos nossa posição em detalhes sobre esse assunto, embora já tenhamos falado sobre isso antes".

Essa fala evidencia que Pequim e Moscou têm buscado consolidar seu poder de maneiras distintas: a China através da economia e do comércio, e a Rússia pelas Forças Armadas, o que ocasiona divergências, embora os impasses com os Estados Unidos acabem por minimizá-las, pelo menos momentaneamente.



A expansão da presença chinesa no Oceano Índico

Eduardo Mangueira

Apesar de preocupações indianas e estadunidenses, o navio chinês *Yuan Wang-5* atracou no porto de Hambantota, no Sri Lanka, entre os dias 16 e 22 de agosto. A visita, planejada no dia 08 daquele mês, foi atrasada a partir de uma posição contrária dos dois países, afirmando que tal embarcação, oficialmente dedicada somente à pesquisa, poderia ser utilizada para espionar ativos estratégicos indianos. Tal preocupação pode ser interpretada, para além da embarcação em si, como evidência da expansão da presença chinesa no Oceano Índico. Sendo assim, em que medida tais movimentos espelham o futuro das relações entre a Índia e a China na região?

A China tem aumentado sua presença no Oceano Índico ([Boletim 158](#)), principalmente através de projetos de infraestrutura em Bangladesh, Malásia, Maldivas, Mianmar e Sri Lanka, países nos quais Pequim mantém embaixadas e dos quais é credora. Esses projetos são relacionados à Iniciativa Cinturão e Rota (BRI, em inglês), um plano massivo de infraestrutura em escala global. Não somente isso, a base naval militar chinesa em Djibouti, em construção desde 2017, está se tornando plenamente operacional, oferecendo mais um ponto de onde o país pode projetar-se na região. Para a China, o Oceano Índico é de grande importância estratégica, compreendendo vários pontos importantes para seu

comércio e fornecimento de energia.

A Índia, por sua vez, entende a presença chinesa como uma ameaça estratégica, sendo tal Oceano vital por motivos semelhantes aos chineses. Ademais, a área é um teatro geopolítico no qual o Estado indiano busca projetar-se como provedor de segurança, empreendendo ações contra a pirataria e o terrorismo. A presença chinesa, ao fazer o mesmo, é competitiva em relação a Nova Délhi. Além disso, o navio atracado em Hambantota, porto construído com investimento chinês, é tido pelos indianos como um prenúncio do uso das infraestruturas construídas na BRI para fins militares, afirmando que a embarcação teria a capacidade de rastrear mísseis e satélites indianos, possibilitando o ganho de vantagens inclusive no conflito fronteiriço ainda não resolvido entre as duas potências.

Assim, a resposta indiana para a embarcação indica uma eventual escalada de tensões entre as duas potências na região. O encontro do Acordo Quadrilateral de Segurança (QUAD) e o aprofundamento da cooperação militar indo-japonesa são demonstrações disso e, dada a vital importância da região para a projeção indiana, espera-se que quaisquer movimentos chineses de maior presença sejam entendidos como ameaças e encarados com hostilidade pela Índia.



Super Garuda Shield: novas implicações

Gabriela Veloso

Desde 2007 ocorre nas proximidades das ilhas indonésias o exercício militar *Garuda Shield* que se estabeleceu, inicialmente, com objetivo de aprimorar as capacidades de combate apenas dos Exércitos indonésio e estadunidense. No entanto, em sua 16ª edição, ocorrida em agosto último, a operação contou também com contingentes da Austrália, Canadá, Cingapura, Coreia do Sul, França, Índia, Japão, Malásia, Papua Nova Guiné, Reino Unido e Timor Leste. O que essa nova dinâmica do tradicional exercício parece indicar?

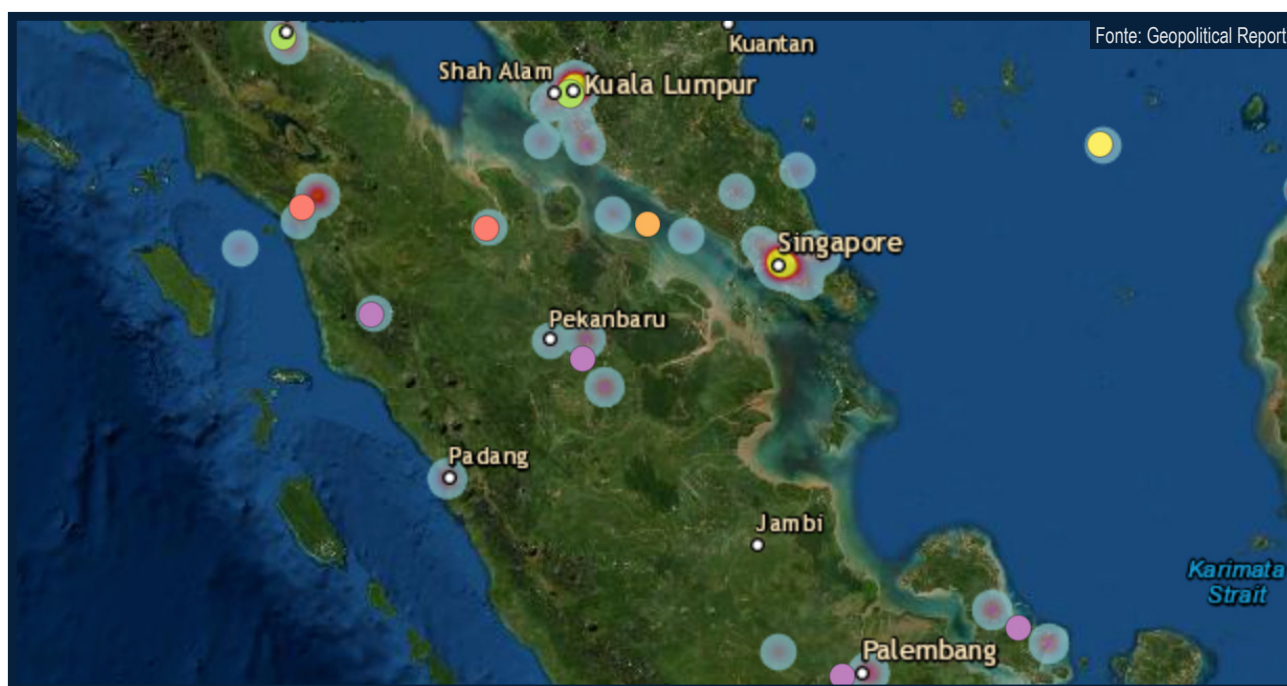
A versão de 2022 deste esforço militar ficou conhecida como *Super Garuda Shield* devido à participação de ativos e pessoal de mais de dez nações, um aumento admirável em relação aos treinamentos bilaterais anteriores. Pode-se afirmar que, caso essa assiduidade se sustente nas próximas edições, o *Garuda Shield* se concretizará como um dos maiores exercícios conjuntos multinacionais na região do Indo-Pacífico. A expansão de seu escopo de participação fez com que muitos países estivessem presentes pela primeira vez, tanto ativamente, com pelo menos uma de suas Forças Armadas, quanto como observadores.

O *Super Garuda Shield* se destacou também pelas diferentes dinâmicas que aconteceram nesta edição: o primeiro salto aéreo trilateral (*tri-lateral airborne jump*)

entre Estados Unidos, Indonésia e Japão; exercícios anfíbios, treinamentos de segurança marítima, operações em terreno urbano, exercícios de defesa aérea e de planejamento e comunicação também foram realizados.

O evento foi uma grande oportunidade para os países participantes reforçarem o intercâmbio profissional entre suas Forças Armadas, o planejamento, as operações e as atividades do exercício multinacional que possibilitam aumentar as capacidades militares. Essa oportunidade de aprimoramento em Defesa é de suma importância, sobretudo no caso das nações diretamente localizadas no Indo-Pacífico, uma região estratégica devido às importantes rotas comerciais, além de reservas de óleo e gás, o que a torna uma região, em certo nível, vulnerável.

As parcerias no Pacífico se mostram muito relevantes, mas o novo escopo deste exercício, apesar de ser entendido por muitos como mais uma dinâmica de *soft power*, foi interpretado pela China como uma ameaça. As nações envolvidas em atividades na região no geral têm noção da necessidade de prontidão conjunta para responder quaisquer ameaças no Indo-Pacífico. A grande implicação dessa nova dinâmica é definir de que maneira estes Estados relacionados à região vão cooperar em termos militares, ou melhor: com quem irão cooperar e quais serão as consequências desta escolha.



Reforço na cibersegurança e preocupação estadunidense?

Raquel Spiri

Em setembro de 2022, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos (EUA) passou a exigir uma atualização da certificação que comprova a segurança cibernética das entidades com as quais mantém relações. O Modelo de Certificação de Maturidade de Cibersegurança 2.0 (CMMC, sigla em inglês) é uma revisão do primeiro, com adições que possuem como objetivo comprovar que qualquer entidade, em toda sua cadeia de organização, tem condições de promover os maiores níveis de cibersegurança de acordo com os moldes estabelecidos pelo Instituto Nacional de Padrões e Tecnologia dos Estados Unidos. Segundo especialistas de segurança, o principal argumento favorável à CMMC é que a certificação garante a cibersegurança marítima, pois todos os parceiros comerciais neste setor deverão se atualizar no que diz respeito à área.

Considerando essa recente mudança nas exigências em cibersegurança do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, tem-se a seguinte hipótese: a necessidade de se comprovar a segurança cibernética, especialmente no mar, pode ter relação com a crescente presença de atores internacionais, como o Irã, em incidentes cibernéticos e roubo de informações.

Compreende-se que ainda em agosto de 2022,

carregamentos israelenses sofreram ciberataques que foram atribuídos a um grupo de *hackers* iranianos. Mais recentemente, a Albânia tem sido alvo de ciberataques igualmente atribuídos ao Irã. Forças estadunidenses afirmam que os tipos de ataques não foram apenas para indisponibilizar serviços, mas também obter inteligência sobre os países.

Portanto, a conexão que se faz é entre o aumento dos ciberataques envolvendo o Irã e parceiros estadunidenses e a reação do Departamento de Defesa dos EUA em exigir legalmente o investimento em cibersegurança daqueles contratados pelo país. Isto, pois, fundamentalmente, a exigência da CMMC incluiu a contabilização da postura de segurança cibernética de parceiros terceirizados do Departamento de Defesa dos EUA, que devem fornecer informações ao governo sobre todas as suas operações, incluindo seus provedores de serviços gerenciados.

Dessa forma, entende-se que os Estados Unidos, tendo o controle sobre todas as informações que envolvem o Departamento de Defesa e seus contratados, podem sofisticar planos de resposta a incidentes cibernéticos, especialmente no mar, onde a cibersegurança ainda tem muito a ser desenvolvida.

CMMC Model 1.0				CMMC Model 2.0			
		Model				Assessment	
Level 5 Advanced CUI, critical programs	171 practices	5 processes	Third-party	Level 3 Expert	110+ practices based on NIST SP 800-172	Triannual government-led assessments	
Level 4 Proactive Transition level	156 practices	4 processes	None	Level 2 Advanced	110 practices aligned with NIST SP 800-171	Triannual third-party assessments for critical national security information: Annual self-assessment for select programs	
Level 3 Good CUI	130 practices	3 processes	Third-party	Level 1 Foundational	17 practices	Annual self-assessment	
Level 2 Intermediate Transition level	72 practices	2 maturity processes	None				
Level 1 Basic FCI only	17 practices		Third-party				

Fonte: Prismic

- ▶ [Russia-Ukraine War: Implications for Asian Geoeconomics](#)
THE DIPLOMAT, Ali Ahmadi
- ▶ [What Will King Charles III Mean for the British Monarchy Overseas?](#)
COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS, James McBride
- ▶ [Can Green Hydrogen Save the Planet?](#)
FOREIGN AFFAIRS, S. Julio Friedmann
- ▶ [The World Has a \\$1 Trillion La Nina Problem](#)
BLOOMBERG, Brian K. Sullivan e Sybilla Gross
- ▶ [Moving Southeast Asia's Climate Needle: One Thread at a Time](#)
FULCRUM, Sharon Seah e Melinda Martinus

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Clique nas caixas para acessar os links referentes:

Por: Maria Eduarda Parracho e Taynah Pires

SETEMBRO

Principais eventos de 21 a 30 de setembro

22



ALEMANHA
REUNIÃO DO BANCO
CENTRAL EUROPEU

25



ITÁLIA
ELEIÇÕES
PARLAMENTARES

27



ONU
FINAL DA 77ª SESSÃO
DA ASSEMBLEIA GERAL

28-29



ARÁBIA SAUDITA
CONGRESSO MARÍTIMO
SAUDITA 2022

OUTUBRO

Principais eventos de 01 a 05 de outubro

01



LETÔNIA
ELEIÇÕES
PARLAMENTARES

01



SÉRVIA
INÍCIO DO
EXERCÍCIO ENTRE
OTAN E SÉRVIA

02



**BÓSNIA E
HERZEGOVINA**
ELEIÇÕES
GERAIS

02



BRASIL
1º TURNO DAS
ELEIÇÕES GERAIS

REFERÊNCIAS

- **Diplomacia renovada: o retorno das relações entre Colômbia e Venezuela**
[Gobierno de Colombia y guerrilla del ELN acordaron reunión en Venezuela para retomar diálogos](#). NTN24, 13 set. 2022. Acesso em: 15 set. 2022.
TORRADO, Santiago. [El paso de migrantes por la selva del Darién se encamina a romper todos los registros](#). El País, 15 set. 2022. Acesso em: 15 set. 2022.
 - **Minerals Security Partnership: caminhos da desglobalização das cadeias produtivas**
[The Inflation Reduction Act Is the Start of Reclaiming Critical Mineral Chains](#). Foreign Policy, 16 set. 2022. Acesso em: 17 set. 2022.
[U.S. forms 'friendly' coalition to secure critical minerals](#). Reuters, 30 jun. 2022. Acesso em: 17 set. 2022.
 - **Segurança hídrica global: implicações para a segurança nacional dos Estados Unidos**
[Climate Change and International Responses Increasing Challenges to US National Security Through 2040](#). Director of National Intelligence, 2022. Acesso em: 27 jul. 2022.
[White House Action Plan on Global Water Security](#). White House, 02 jun. 2022. Acesso em: 27 jul. 2022.
 - **República do Congo: das Áreas Marinhas Protegidas à produção offshore**
[Lukoil Poised for Entry into Congo's Gas Sector](#). Energy, Capital & Power, 15 mar. 2022. Acesso em: 15 set. 2022.
[Congo creates first Marine Protected Areas](#). Phys, 5 set. 2022. Acesso em: 15 set. 2022.
 - **Reino Unido: a entrada da Primeira-Ministra e a futura estratégia britânica**
ANTINOZZI, Isabella. [Defence and security cooperation could help Liz Truss improve damaged UK-EU ties](#). Euronews, 12 set. 2022. Acesso em: 17 set. 2022.
[Liz Truss é a próxima primeira-ministra britânica](#). Euronews, 05 set. 2022. Acesso em: 17 set. 2022.
 - **Estratégia militar israelense: impactos nas políticas externa e de defesa**
STAFF, Toi; MAGID, Jacob. [Israel won't stand by while Iran cheats world. Mossad chief warns US](#). The Times of Israel, 08 set. 2022. Acesso em: 10 set. 2022.
AL-KHALIDI, Suleiman. [Israeli attacks squeeze Iranian aerial supplies to Syria, sources say](#). Reuters, 02 set. 2022. Acesso em: 10 set. 2022.
 - **Vostok 2022: tração na cooperação estratégica sino-russa**
ISACHENKOV, Vladimir. [Putin attends joint military drills with China, others](#). The Washington Post, 06 set. 2022. Acesso em: 17 set. 2022.
[Russian and Chinese naval branches practice during Vostok 2022 exercise](#). Navy Recognition, 07 set. 2022. Acesso em: 17 set. 2022.
 - **Japão e Reino Unido: cada vez mais próximos**
TAKAHASHI, Kosuke. [Japan, UK to Push Forward With Joint New Air-to-Air Missile Co-development](#). The Diplomat, 08 set. 2022. Acesso em: 14 set. 2022.
[Britain and Japan aim to merge Tempest and F-X fighter programs, sources say](#). Japan Times, 15 jul. 2022. Acesso em: 15 set. 2022.
 - **China e Rússia: juntos novamente?**
FIGUEIREDO, Filipe. [Novo encontro entre Rússia e China expõe velha divisão entre os aliados](#). Gazeta do Povo, 16 set. 2022. Acesso em: 16 set. 2022.
"China e Índia não se sacrificam pela Rússia". Rádio Observador, 16 set. 2022. Acesso em: 16 set. 2022.
 - **A expansão da presença chinesa no Oceano Índico**
BARUAH, Darshana M.. [Maritime Competition in the Indian Ocean](#). Carnegie, 12 mai. 2022.
[Sri Lanka says controversial chinese ship can dock on its port](#). Al Jazeera, 13 ago. 2022.
 - **Super Garuda Shield: novas implicações**
[Super Garuda Shield 2022 Showcases Multinational Partnership and Joint Interoperability](#). U.S. Embassy & Consulates in Indonesia, 03 ago. 2022. Acesso em: 15 set. 2022.
CHELVAN, Vanessa Paige. [Singapore Army, Navy conclude military drills in Indonesia involving 13 countries, including US](#). Channel News Asia, 15 ago. 2022. Acesso em: 15 set. 2022.
 - **Reforço na cibersegurança e preocupação estadunidense?**
ACOHIDO, Byron. [The cybersecurity sea change coming with the implementation of 'CMMC' - Security Boulevard](#). Security Boulevard, 07 set. 2022.. Acesso em: 13 set. 2022.
[Suspected Iranian Actor Targeting Israeli Shipping, Healthcare, Government and Energy Sectors](#). Mandiant, 17 ago. 2022. Acesso em: 13 set. 2022.
- O mapa inicial (pág 04) do Boletim foi produzido pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 04 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio

risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões. Os países em cinza representam conflitos monitorados, caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Luísa Barbosa

► ALTO RISCO:

- AFGANISTÃO - Crise estrutural: [Afghanistan: Taliban torture and execute Hazaras in targeted attack – new investigation](#). **Amnesty International**, 15 set. 2022. Acesso em: 19 set. 2022.
- ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Conflito em Nagorno-Karabakh: [The deadly clashes between Armenia and Azerbaijan in Nagorno-Karabakh, explained](#). **NPR**, 19 set. 2022. Acesso em: 19 set. 2022.
- BELARUS - Tensão regional: [Four reasons Belarus isn't likely to send troops to Ukraine](#). **The Washington Post**, 14 set. 2022. Acesso em: 20 set. 2022.
- ETIÓPIA - Conflito entre governo e forças insurgentes: [What stagnated the Ethiopia peace process?](#). **Al Jazeera**, 19 set. 2022. Acesso em: 19 set. 2022.
- HAITI - Crise estrutural e instabilidade política: [Misery deepens in Haiti as unrest rages and water shortages bite](#). **Al Jazeera**, 18 set. 2022. Acesso em: 19 set. 2022.
- IÊMEN - Crise humanitária: [KSRelief ramps up assistance in Jordan, Yemen and Tajikistan](#). **Arab News**, 17 set. 2022. Acesso em: 20 set. 2022.
- LÍBANO - Crise estrutural: [Lebanese banks close amid wave of demonstrations](#). **Atlatay**, 20 set. 2022. Acesso em: 20 set. 2022.
- MALI - Conflito entre governo e forças insurgentes: [Dozens of civilians killed in eastern Mali](#). **Africanews**, 12 set. 2022. Acesso em: 18 set. 2022.
- MIANMAR - Golpe militar: [Em Myanmar, igreja é ocupada e minada pelo exército](#). **Vatican News**, 14 set. 2022. Acesso em: 19 ago. 2022.
- MOÇAMBIQUE - Conflito entre governo e forças insurgentes: [Military action alone not enough for peace in Cabo Delgado](#). **Defence Web**, 19 set. 2022. Acesso em: 19 set. 2022.
- RÚSSIA E UCRÂNIA - Conflito Militar: [Russia-Ukraine war latest: what we know on day 209 of the invasion](#). **The Guardian**, 20 set. 2022. Acesso em: 20 set. 2022.
- SÍRIA - Insegurança regional: [US to send additional \\$756m in humanitarian aid to Syria](#). **Middle East Monitor**, 15 set. 2022. Acesso em: 19 set. 2022.
- SOMÁLIA - Crise eleitoral e humanitária: [Exército da Somália mata 45 presumíveis extremistas do Al Shabab](#). **Mundo ao Minuto**, 19 set. 2022. Acesso em: 19 set. 2022.

• SRI LANKA - Crise estrutural: [Sri Lanka on brink of food crisis after economic meltdown](#). **DW**, 2022. Acesso em: 15 set. 2022. Acesso em: 19 set. 2022.

► MÉDIO RISCO:

• BURKINA FASO - Instabilidade sociopolítica: [Burkina Faso: sicurezza, situazione in netto deterioramento](#). **Rivista Africa**, 19 set. 2022. Acesso em: 19 set. 2022.

• IRAQUE - Crise política: [Iraq crisis can be opportunity for rebirth of state](#). **Gulf News**, 19 set. 2022. Acesso em: 20 set. 2022.

• LÍBIA - Crise estrutural e tensão eleitoral: [Haftar: We are racing against time for finding way out of Libya crisis](#). **The Libya Update**, 19 set. 2022. Acesso em: 20 set. 2022.

• SUDÃO - Golpe de Estado e conflito fronteiriço: [Thousands march in Sudan anti-coup protests, demand justice for killed protesters](#). **The New Arab**, 18 set. 2022. Acesso em: 18 set. 2022.

• VENEZUELA - Crise estrutural: [EEUU advirtió a la dictadura chavista que aumentará las sanciones si no reanuda las negociaciones con la oposición](#). **Infobae**, 16 set. 2022. Acesso em: 19 set. 2022.

• PAQUISTÃO - Instabilidade sociopolítica: [The Lingering Impact of Pakistan's Floods](#). **Foreign Policy**, 15 set. 2022. Acesso em: 19 set. 2022

► EM MONITORAMENTO:

• COLÔMBIA - Crise migratória: [El paso de migrantes por la selva del Darién se encamina a romper todos los registros](#). **El País**, 15 set. 2022. Acesso em: 19 set. 2022.

• COREIA DO NORTE - Teste de mísseis: [North Korea Is 'Preparing' For Its 7th Nuclear Test; Can US, Japan & South Korea Pin Down Kim Jong-Un?](#). **The EurAsia Times**, 14 set. 2022. Acesso em: 19 set. 2022.

• EL SALVADOR - Instabilidade sociopolítica: [Bukele buscará reelegirse en 2024 pese a que la Constitución lo prohíbe en cuatro artículos](#). **El Faro**, 16 set. 2022. Acesso em: 19 set. 2022.

• EQUADOR - Instabilidade Política: [Fiscal es asesinado en Guayaquil](#). **La Hora**, 19 set. 2022. Acesso em: 19 set. 2022.

• GOLFO DA GUINÉ - Insegurança marítima conjuntural: [NLNG invites bids for security escort for vessels in Gulf of Guinea](#). **Business Day**, 14 set. 2022. Acesso em: 18 set. 2022.

• NICARÁGUA - Crise política: [La Eurocámara pide más sanciones para Nicaragua por represión y tortura](#). **DW**, 15 set. 2022. Acesso em: 19 set. 2022.

• NIGÉRIA - Conflitos internos: [Feuding Delta communities sign peace pact after two deaths](#). **The Guardian Nigeria**, 19 set. 2022. Acesso em: 19 set. 2022.

• PERU - Instabilidade política: [Peru: Presidential setback before meeting new head of Congress](#). **Prensa Latina**, 16 set. 2022. Acesso em: 19 set. 2022.

• REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO - Conflitos internos: [SADC commits to support efforts towards lasting stability in eastern part of DRC](#). **Relief Web**, 16 set. 2022. Acesso em: 19 set. 2022.

• TAIWAN - Tensões entre China e EUA: [Joe Biden says US would defend Taiwan from Chinese attack](#). **Financial Times**, 19 set. 2022. Acesso em: 19 set. 2022.

• TOGO - Conflito entre governo e forças insurgentes: [UN Office of Counter-Terrorism to help Togo fight terrorism](#). **Togo First**, 12 set. 2022. Acesso em: 18 set. 2022.